

An aerial, high-angle photograph of a complex highway interchange with multiple lanes and overpasses. In the background, a prominent cable-stayed bridge with a tall, slender pylon stands out against a city skyline. The entire image is overlaid with a dark blue, semi-transparent filter.

Inteligência Artificial

Newletter CJE & José Moreira



José Moreira, CFA

Formado em Administração de Empresas pelo Insper, tendo realizado intercâmbio na Università Bocconi. Desde 2016, trabalha na Pragma Patrimônio, atuando na equipe de investimentos, com foco, principalmente, em Public Equities e Venture Capital.

Ao longo da última década, observou-se uma evolução notória da Inteligência Artificial. Apesar de o campo de estudo já existir, pelo menos, desde a década de 1950, período em que se desenvolveram importantes pesquisas sobre redes neurais, o tema da IA tem se destacado recentemente. Essa notoriedade veio, principalmente, após o lançamento do ChatGPT no fim do ano passado, que chamou muita atenção para os avanços que estavam sendo feitos no campo dos transformadores pré-treinados generativos e se destacou pela rápida adoção, atingindo mais de 100 milhões de usuários ativos mensais, um recorde de velocidade quando comparado a qualquer outra tecnologia. Ao introduzir essa inovação no mercado financeiro, ela pode levar a um aumento geral do conhecimento, diminuindo assimetrias de informação e aumentando a eficiência de mercado. Quanto às incertezas, uma das principais é se a Inteligência Artificial é realmente “inteligente”. Teria o ChatGPT opiniões próprias? Se não, terá no futuro? Esse é um debate útil não só para o mercado financeiro, mas também para

todas as outras aplicações da IA. No momento atual, a Inteligência Artificial já pode ser utilizada na revisão de dados, na análise e na correção de códigos e em várias outras aplicações, mas é necessário ter cautela. A IA ainda possui falhas, uma delas chamada “alucinação”, o que torna a supervisão humana indispensável, pelo menos por ora. É isto que a maioria das pequenas e médias empresas têm feito: experimentos controlados em sistemas isolados sob pauta de inovação.

A Inteligência Artificial, definitivamente, não é a primeira e nem será a última tecnologia cujo desenvolvimento provoca tanto entusiasmo. Inclusive, no passado, já houve bolhas especulativas atreladas, justamente, a um ânimo excessivo com novas tecnologias, como a Bolha da Internet, no início dos anos 2000, e a Bolha dos NFTs, em 2021. Apesar da semelhança com o que estamos vivendo em IA, alguns fatores importantes devem ser notados.

Já é comprovado que a Inteligência Artificial tem uma grande aplicabilidade, diferentemente dos NFTs que pareciam ser um sucesso há poucos anos. O Microsoft 365 Copilot em parceria com a OpenAI é um desses exemplos, pois há monetização por parte da Microsoft e há ganho de eficiência e produtividade por parte dos clientes em todas as ferramentas do Office, podendo se configurar como uma situação de win-win. Será que mesmo assim estamos passando por um momento de hiperinformação e exageros de valuation em IA? Talvez, dado que ambos os extremos do mercado financeiro, seja Venture Capital ou Public Equities (Magnificent 7) estão apresentando aumento relevante de valuation, sendo que Microsoft, por exemplo, justifica 100% do retorno total do S&P em 2023.

Ainda é muito cedo para ter certeza sobre quais serão os verdadeiros vencedores dessa corrida. Aliás, não faz muito tempo que vimos uma das maiores empresas de IA demitindo seu CEO e depois recontratando-o em menos de 72 horas do primeiro evento. Todavia, se pensada a longo prazo, a Inteligência Artificial pode ser uma ótima oportunidade de investimento, dado o potencial de adoção, assim como aconteceu com as empresas que



sobreviveram à Bolha da Internet em 2000, que vieram a se tornar gigantes em suas respectivas indústrias. Em meio a esse contexto, há três linhas de raciocínio: não investir porque tudo ainda é muito novo; investir somente em big techs; e/ou investir em empresas mais nichadas, de porte menor, mas com ideias interessantes, sejam elas do mercado público ou privado. Independente do posicionamento, este é, certamente, um momento de otimismo com as aplicações e de cautela com os valuations. E estamos ansiosos para saber o que acontecerá nos próximos anos.



CJE

A Empresa Júnior de
Mercado Financeiro
da FGV